

Diálogo sobre multiculturalismo e educação

Ana Ivenicki entrevistada por Marcelo Andrade

165

Marcelo: Como você iniciou suas pesquisas no campo do multiculturalismo e educação? O que a motivou?

Ana: Já havia algum tempo que me preocupava que a formação inicial e continuada docente levassem em conta a necessidade de preparar futuros professores para atuarem com alunos de classes sociais plurais, incluindo aquelas desfavorecidas. Ao realizar meu PhD em Educação na University of Glasgow, meu orientador, Nigel Grant, abriu meus olhos para a questão da diversidade cultural que extrapola a categoria de classes sociais. Assim, passei a ficar atenta às desigualdades que também atingem identidades com marcadores raciais, étnicos, linguísticos, de gênero, de orientação sexual e assim por diante, para além das classes sociais. A questão do multiculturalismo passa, justamente, pelas respostas que fornecemos a esta diversidade, na educação e na formação de professores, e foi assim que passei a pesquisar este campo.

Marcelo: Quais são as principais referências teóricas com as quais você tem trabalhado em suas pesquisas sobre multiculturalismo e educação? Poderia citar alguns autores e conceitos centrais que você tem utilizado em suas análises?

Ana: Há referências plurais, tanto internacionais como nacionais. Tenho lido e refletido sobre textos que não são apenas aqueles explicitamente relacionados

ao multiculturalismo, pois existem estudos sobre relações raciais, étnicas, de gênero e outros que não se intitulam multiculturais, mas que tocam em questões afeitas à temática que pesquiso. Em linhas gerais, no Brasil, tenho trabalhado em parceria com Vera Maria Candau, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e Antônio Flávio Barbosa Moreira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Católica de Petrópolis (UCP), no campo do multiculturalismo, e também com autores brasileiros que trabalham a questão indígena, com aqueles que têm focado a questão de orientação sexual e gênero e de necessidades especiais. Com Luciana Pacheco Marques organizei uma edição especial da revista *Educação em Foco* (v. 19, n. 1, mar./jun. 2014), editada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sobre educação e multiculturalismo, com as implicações do termo “tolerância” para a fundamentação ética das práticas pedagógicas interculturais (como você, Marcelo Andrade), além de muitos outros autores, sendo difícil elencar todos. Eles constam nas minhas referências, nos artigos que publico, constituindo verdadeiras listas difíceis de serem reproduzidas nesta entrevista. Da mesma forma, na área internacional, James Banks é uma referência importante, mas leio também muitos autores que mergulham em perspectivas pós-coloniais e decoloniais no trato com a diversidade cultural, sendo conceitos centrais aqueles referentes à identidade e diferença e às formas de trabalhar com elas no currículo e na formação de professores, levando em conta, também, o caráter cada vez mais internacionalizado da educação.

Marcelo: Considerando a sua experiência em pesquisa, quais os temas que mais têm motivado, mais têm chamado a atenção de professores e pesquisadores no campo dos estudos sobre multiculturalismo e educação? E quais temas precisariam ser mais bem trabalhados, tanto na pesquisa quanto na escola?

Ana: Temas que têm chamado a atenção de professores e pesquisadores referem-se às formas de traduzir as perspectivas multiculturais no currículo, tanto escolar como de formação inicial de professores. Também, a avaliação é preocupação central. Existe a questão de como desenvolver os temas curriculares e a sua avaliação para dar conta da diversidade cultural e, ao mesmo tempo, contemplar conteúdos e habilidades consideradas relevantes em um mundo cada vez mais globalizado e tecnologizado. A possibilidade de articulação das dimensões avaliativas locais, valorizadoras da diversidade e processos avaliativos de larga escala, poderia ser um tema melhor desenvolvido, assim como formas de promover, em nossas universidades, a internacionalização sem recair em uma homogeneização do currículo e da avaliação.

Marcelo: Na sua avaliação, quais os maiores impactos que os estudos sobre multiculturalismo e educação têm causado nas práticas pedagógicas, no currículo escolar e na formação dos professores?

Ana: Creio que os maiores impactos nas práticas pedagógicas referem-se à preocupação em incluir, nas aulas, aspectos relacionados à diversidade cultural de nosso país, ainda que, muitas vezes, apenas em perspectivas celebratórias (Dia do Índio, Semana da Consciência Negra), embora já vejamos importantes práticas de professores comprometidos com a diversidade em todos os aspectos. No currículo escolar, vemos, nas políticas educacionais e mesmo no Plano Nacional de Educação, vários trechos que mostram que o currículo deve trabalhar em prol da valorização da diversidade cultural e do desafio a preconceitos, para formar cidadãos abertos à pluralidade. No caso da formação de professores, também vemos disciplinas ligadas à diversidade, tais como tópicos de multiculturalismo, educação inclusiva e outros, ainda que existam espaços para que essa formação se articule, de forma mais explícita, às perspectivas multiculturais.

Marcelo: Trabalhar, no currículo escolar, temas como raça, gênero, sexualidade, religião e deficiências sempre tem sido, em geral, foco de muitas polêmicas. Por que há tantas resistências para se trabalhar os temas das diferentes identidades na escola? O que suas pesquisas revelam sobre esta dificuldade?

Ana: Creio que a maior dificuldade refere-se à ideia de que é a diversidade que nos enriquece. Nossas pesquisas mostram que, ainda que teoricamente se afirme que somos feitos a partir de nossa pluralidade, o ideal expresso pelos entrevistados é, muitas vezes, o da homogeneidade, interpretada como “ideal” para o bom aproveitamento escolar. Também, outra dificuldade é a de reconhecer que temos de articular essas temáticas ao currículo. Muitas vezes se tem a ideia de que o currículo resume-se a conteúdos e habilidades técnicas quando, na verdade, deveria incorporar perspectivas cidadãs de valorização da pluralidade, para que seja mais significativo na formação humana.

Marcelo: Como você avalia a Base Nacional Comum Curricular? A proposta está atenta às demandas das diferenças na escola? Poderia citar alguns avanços e algumas lacunas?

Ana: A existência de uma Base Nacional Comum Curricular é bastante polêmica no meio acadêmico. Em termos do multiculturalismo, no nível de intenções, observam-se várias afirmativas, no corpo do documento, no sentido de que o currículo deve preparar os alunos para lidarem positivamente com a diversidade, seja de raça, etnia, gênero e assim por diante. Em termos de conteúdos específicos, observa-se uma guinada para o reconhecimento de nossas raízes africanas, em perspectivas decoloniais, particularmente no campo das ciências sociais e no ensino de história. Todas essas questões são complexas e necessitam ser mais bem discutidas. A relação entre conteúdos socialmente valorizados e aqueles que se voltam às identidades culturais específicas deve ser pensada de modo a não recair nem em

universalismos totalizantes, que ignoram a diversidade, nem em localismos relativistas, que apagam a história das pesquisas nas diversas áreas do saber. Trata-se de um documento em construção, relevante na discussão sobre formas de se ir além da crítica ao currículo monocultural e partir para a reconstrução desse currículo em perspectivas multiculturais. Essa construção certamente pode e deve beneficiar-se dos debates que têm sido travados, para que possa ser aprimorada e venha a representar um possível ponto de partida para se promover uma maior valorização da diversidade cultural no currículo escolar.

Ana Ivenicki, doutora em Educação pela University of Glasgow (Escócia), é professora associada do Departamento de Fundamentos de Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista nível 1A em Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em 2013, foi agraciada com o Prêmio Cora Coralina, concedido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (Secadi/MEC), em reconhecimento às suas contribuições no campo da Educação com Inclusão Social.

168

Marcelo Andrade [Marcelo Gustavo Andrade de Souza], doutor em Ciências Humanas (Educação) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde trabalha como professor associado do Departamento de Educação, é bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Programa Jovem Cientista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

maguandrade@gmail.com